



Aliança com limites

Putin e Xi se reúnem diante de sinais de impacto das sanções

— Bancos chineses estão sendo obrigados a suspender pagamentos aos russos; comércio entre Rússia e China caiu em março e abril

PEQUIM

Por trás das declarações, dos elogios mútuos e das promessas de cooperação ilimitada, a visita do presidente russo, Vladimir Putin, à China ocorre em meio a sinais preocupantes de que as sanções internacionais, pela primeira vez, dão sinais de afetar a economia da Rússia, pelo menos nos últimos dois meses.

Em dezembro Biden permitiu sanções secundárias a bancos que financiam ou facilitam a máquina de guerra russa

O comércio entre China e Rússia cresceu muito desde a invasão da Ucrânia, em fevereiro de 2022, atingindo US\$ 240 bilhões, em 2023, de acordo com dados da alfândega chinesa. O crescimento se manteve firme nos primeiros meses do ano, mas a tendência se reverteu nos últimos meses.

Depois que os EUA começaram a impor um cerco às instituições financeiras dispostas a ajudar os russos, as exportações chinesas para a Rússia caíram, em março e abril. Analistas dizem que a queda é reflexo da ordem executiva do presidente americano, Joe Biden, de dezembro, que permite sanções secundárias a bancos estrangeiros que financiam ou facilitam a máquina de guerra russa, permitindo que o Tesouro dos EUA exclua as instituições do sistema de pagamentos internacional, o Swift.

LIMITES. As medidas, juntamente com os esforços chineses para reconstruir os laços com os EUA, podem fazer com que o presidente da China, Xi Jinping, relute em promover abertamente uma maior cooperação com a Rússia – apesar das promessas de fidelidade entre os dois líderes.

Oito pessoas – entre russos e chineses – ligadas ao comércio internacional afirmaram à agência France-Presse, nos últimos dias, que vários bancos



Putin e Xi após reunião em Pequim: promessas de cooperação

da China já foram obrigados a suspender ou reduzir as transações com clientes russos.

De acordo com um relatório do Instituto Chongyang de Estudos Financeiros, da Universidade Renmin, de Pequim, publicado em maio, a solução poderia vir de pequenos bancos chineses, que seriam “promovidos” pelo governo para encabeçar o comércio com a Rússia, enquanto a criação de no-

vas instituições financeiras ajuda a contornar as sanções ocidentais.

PÉ NO FREIO. O relatório afirma que, em março, 80% dos pagamentos que deveriam ter sido realizados entre China e Rússia foram suspensos, “impactando severamente o comércio e as relações entre os dois países”, afirmou o Instituto Chongyang.

Ontem, Putin reuniu-se com Xi no primeiro dia de uma visita de dois dias a Pequim, que pretende demonstrar a proximidade entre os dois. Em 2022, eles prometeram forjar uma “aliança sem limites” – prova disso é que a China foi o destino escolhido pelo Kremlin para a primeira viagem de Putin ao exterior após ser reeleito para o quinto mandato.

Putin e Xi trocaram afagos, expressaram visões comuns e atacaram os americanos. “Os EUA ainda pensam em termos de Guerra Fria e são guiados pela lógica do confronto em bloco, colocando a segurança de grupos restritos acima da estabilidade regional, o que cria uma ameaça à segurança de todos os países da Ásia-Pacífico. Os EUA devem abandonar esse comportamento”, diz, o comunicado, após o encontro no Grande Salão do Povo.

AMIZADE. Xi chamou Putin de “velho amigo”. O russo agradeceu a China por suas “iniciativas de paz” na Ucrânia. “Nossa cooperação é um dos fatores de estabilidade no cenário internacional”, disse Putin, segundo TVs da Rússia que cobriram o evento.

Os dois disseram ainda que as relações entre China e Rússia “apresentam uma forma mais avançada de interação interestatal em comparação com as alianças da Guerra Fria”. Xi e Putin defenderam também a expansão da cooperação militar e reafirmaram o desejo de contribuir para uma ordem mundial multipolar “mais justa e sustentável”. ●

NYT, AFP e AP

Ocidente ainda não entendeu o quanto a Rússia mudou

ARTIGO

Alexander Gabuev
The New York Times
Diretor do Carnegie
Russia Eurasia Center

A viagem de Vladimir Putin a Pequim é mais uma demonstração da atual proximidade entre Rússia e China. Mas muitos no Ocidente ainda preferem acreditar que a aliança é uma aberração motivada pelo antiamericanismo de Putin e sua tóxica fixação pela Ucrânia. Uma vez que suas obsessões saíam da jogada, segundo essa crença, ele buscará reconstruir os laços com o Ocidente.

Essa visão ilusória, apesar de sedutora, desconsidera a trans-

formação da economia e da sociedade russa. Desde a queda da União Soviética, a Rússia não ficava tão distante da Europa, e nunca tinha se envolvido tão profundamente com a China. A verdade é que, após dois anos de guerra e duras sanções do Ocidente, não é apenas Putin que precisa da China – a Rússia inteira precisa.

APOIO. A China emergiu como a parceira mais importante da Rússia, suprimindo não apenas a máquina de guerra de Putin, mas alimentando toda a combalida economia russa. Em 2023, o comércio da Rússia com a China alcançou um recorde de US\$ 240 bilhões, alta de mais de 60% em relação aos níveis anteriores à guerra, enquanto a China comprou 30% das exportações russas e forne-

ceu 40% de suas importações.

Antes da guerra, o comércio da Rússia com a União Europeia era o dobro em comparação com a China. Hoje, é menos que a metade. O yuan chinês é atualmente a principal moeda usada no comércio entre os dois países, o que o torna a moeda mais negociada na bolsa de valores de Moscou.

São mudanças tectônicas. Mesmo nos tempos dos czares, a Rússia exportava suas commodities para a Europa e dependia de importações de produtos fabricados no Ocidente. Hoje, os oligarcas russos, alvo de sanções, tiveram de se adaptar.

A educação segue a economia. Membros da elite russa estão com dificuldades para encontrar professores de mandarim para seus filhos, e alguns estão pensando em mandá-los estudar em universidades de Hong Kong ou da China.

Essa reorientação do Ocidente para o Oriente também é visível entre a classe média, mais notavelmente nas viagens aéreas. Há hoje, cinco voos por dia conectando Moscou e Pe-

quim em menos de oito horas, com passagem de ida e volta custando cerca de US\$ 500. Em contraste, chegar a Berlim – um dos muitos destinos frequentes na Europa de russos de classe média antes da guerra – pode demorar mais que um dia inteiro e custar até o dobro.

Desde a queda da União Soviética, a Rússia não ficava tão distante da Europa

Intelectuais também estão se voltando para a China. Cientistas russos estão começando a trabalhar com empresas chinesas, especialmente em campos como exploração espacial, inteligência artificial e biotecnologia. A influência cultural da China também cresce dentro da Rússia – as editoras estão expandindo seus catálogos de autores chineses.

A cultura chinesa não substituirá a ocidental como principal referência dos russos em um futuro próximo. Mas uma

mudança profunda ocorreu. Do outro lado da Cortina de Ferro, a Europa era vista como um farol de direitos humanos, prosperidade e desenvolvimento tecnológico, um espaço que muitos cidadãos soviéticos aspiravam integrar.

Agora, além do sentimento de amargura em relação à Europa, por suas sanções punitivas, um número crescente de russos escolarizados vê a China como uma potência avançada tecnologicamente e superior economicamente à qual a Rússia é cada vez mais conectada.

PREMONIÇÃO. Em seu romance distópico *Dia do Oprichnik*, Vladimir Sorokin descreve uma Rússia profundamente anti-Ocidente em 2028, que depende da tecnologia chinesa ao mesmo tempo que emula a brutalidade medieval da era de Ivan, o Terrível. A cada dia que passa, essa narrativa premonitória – publicada em 2006 como um alerta à Rússia sobre a direção do caminho com Putin – fica mais parecida com o noticiário. ●

TRADUÇÃO DE GUILHERME RUSSO